

## UMA BREVE ANÁLISE CARTOGRÁFIA DE PROFESSORES DO ENSINO BÁSICO

*Simone Moura Queiroz<sup>1</sup>*  
*UNESP – Rio Claro*  
*Simonemq@hotmail.com*

### Resumo

Através desse artigo apresentamos pequenos trechos do início de uma atividade de pesquisa, porém autônoma em relação à pesquisa, em que buscamos a verificar da processualidade da Cartografia, inspirada nos ideias de Foucault, Deleuze, Guatarri e Rolnik. Este aporte teórico-metodológico complexo torna-se importante para nossa pesquisa, pois nos deram subsídios para compreendermos a proposta cartográfica que nossos entrevistados e nós vivemos durante a produção de dados. Após, expormos de maneira detalhada o que é cartografia a que nos referimos, apresentaremos de forma breve a cartografia de dois professores do Ensino Básico (Infantil e Fundamental). Destacando neles, as marcas produzidas pelos seus respectivos professores de Matemática durante o Ensino Básico, que atualmente eles as refletem em suas salas de aula, reproduzindo-as de forma consciente ou evitando-as de maneira incisiva.

**Palavras-chave:** Cartografia, Sala de aula, Foucault, Deleuze, Rolnik

### Introdução

As pessoas trazem consigo marcas sociais positivas ou não provindas do que já vivenciaram. Marcas que as fizeram desistir ou erguerem-se para abraçar o seu fracasso ou rejeitá-lo. Enfim, nessa sociedade onde “o essencial é marcar e ser marcado” (DELEUZE & GUATARRI, 2012, p. 190)<sup>2</sup>. Nossa proposta é de tentar desemaranhar as linhas de força, como diz Foucault, que perpassa, agencia, sedimentaliza e “panoptiza”<sup>3</sup>, tentando identificar algumas das “múltiplas sujeições que existem e funcionam no interior do corpo social” (FOUCAULT, 2010, p. 102)

---

<sup>1</sup> Doutoranda do programa de Educação Matemática. Deixo expressos meus sinceros agradecimentos ao meu orientador o professor doutor Antônio Carlos Carrera de Souza, que contribuiu com suas importantes sugestões, observações e acréscimos. Agradeço também ao CNPq pelo auxílio financeiro que possibilitou a realização e divulgação deste trabalho.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/104216054/20/III-1-SociuS-inScritor>> Consultado em: 11/09/2012

<sup>3</sup> Verbalizamos o termo utilizado por Foucault, que o Panóptico representa uma relação de poder através da vigilância, podendo ser “utilizado como uma máquina de fazer experiências, modificar o comportamento, treinar ou retrainar os indivíduos” (FOUCAULT, 2011, p. 193)

Numa sala de aula, local onde o saber está sendo formado, através do entrelaçar entre enunciado e visibilidades, e como saber de uma determinada época é formado pelos discursos proferidos na mesma (DELEUZE, 2005), e estando o saber numa relação de dependência com o poder, podemos dizer que o professor exerce o poder através dos conhecimentos que possuem. Todavia segundo Foucault, o poder não é só o que “exclui, reprime, recalca, censura, abstrai, mascara, esconde. Na verdade o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade.” (2011, p. 185). Ele também afirma que não existe exterioridade ao poder, nada está fora ou é isento da relação de poder. E, mais, que não existem titulares do poder, por exemplo, o pai não necessariamente é aquele que sempre exercer o poder sobre o filho, ou o professor sobre o aluno e assim por diante.

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder, são sempre centros de sua transmissão (FOUCAULT M. , 2010, p. 103).<sup>4</sup>

Com isso temos consciência que o poder não é algo apenas atuante em nós, que somos passivos, até porque “onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder” (FOUCAULT, 1988, p. 105). A resistência compõe o poder, que não é fixo, pois “ele também é exercido por nós, o que nos coloca simultaneamente na condição de sujeitos e objeto do exercício do poder.” (PARANHOS, 2008, p. 56) Ou seja, o poder é móvel, pois é constituído de relações de força.

E estas relações de força entre todos aqueles que compõem o processo educativo fazem parte do dia a dia deles, nesta uma pessoa afeta a outra, pois “somos um grau de potência, definido por nosso poder de afetar e de ser afetado, e não sabemos o quanto podemos afetar e ser afetados, é sempre uma questão de experimentação.” (PELBART, 2008, p. 1). É uma dupla captura.

Sendo assim, uma aula de Matemática, por exemplo, não se trata apenas do simples explicar do assunto pelo professor, em que os alunos o reproduzem nos exercícios, mas

---

<sup>4</sup> Disponível para download: < [http://www.4shared.com/office/x7kXeK87/microfisica\\_do\\_poder\\_-\\_foucaul.html](http://www.4shared.com/office/x7kXeK87/microfisica_do_poder_-_foucaul.html) > Consultado dia: 08/09/2012

envolve uma diversidade de linhas de forças, muitas delas não visíveis, que estão perpassando-os de alguma forma, subjetivando-os. Compondo o aluno como um ser histórico que ele é.

E são essas marcas, que vão além do conhecimento específico, que vamos observar brevemente nesse artigo. Em que os entrevistados através de sua experiência com professores de Matemática do Ensino Básico, puderam identificar as linhas de força, que na época o transpassaram (afetaram) tendo hoje a oportunidade de revisitar esses afetos e compor-se como professor.

É importante lembrar, que outros professores também deixaram marcas nesses dois professores por nós observados, todavia os de Matemática foram os que mais apareceram em seus discursos.

### **O que pode uma Cartografia?**

Através da cartografia tentaremos identificar algumas dessas linhas de forças, para tanto é importante lembrar que “a cartografia de Foucault não é uma geografia estática de uma realidade passada. Pelo contrário, ela se define como uma cartografia de guerra, como percepção dos movimentos...” (PASSOS, 2007, p. 3) Em que se busca, de acordo com Rolnik, mergulhar na geografia dos afetos.

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é antes de tudo um antropófago. (ROLNIK, 1989, p. 1).

Sendo o ato de conhecer um dos seus princípios, criando pontes de linguagens. É mais que mapear, pois inclui vivência, existem trocas entre o cartógrafo e quem (ou o que) está sendo cartografado, idas e vindas, aproximação e afastamento, é permitir o corpo vibrar para que através dessas vibrações “encontrem sons, canais de passagem, carona para a *existencialização*” (ibidem, p. 2), buscando tornar visível àquilo que não está oculto (DELEUZE, 2005), não é algo que se aplica, mas que se pratica, pois não há procedimentos nem regras, nem protocolos de pesquisa.

É muito simples o que o cartógrafo leva no bolso: um critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro de preocupações - este, cada cartógrafo vai definindo e redefinindo para si, constantemente. [...]Pode-

se até dizer que seu princípio é um antiprincípio: um princípio que o obriga a estar sempre mudando de princípios. (ROLNIK, 1989, p.3)

Não existem passos a serem seguidos, porque cada passo depende unicamente do anterior, não tem como prever, é um processo de criação contínuo “trabalha-se com um modo de fazer pesquisa que se inventa enquanto se pesquisa, de acordo com as necessidades que surgem, de acordo com os movimentos do campo de estudo em questão.” (FARINA, 2008, p. 10)

Pode-se dizer que a cartografia é algo rizomático, algo aberto, pois se for “fechado, arborificado, acabou” (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p. 32), deixa de se mover, de produzir, fica estático, subjulgado, enraizado, em vez disso é preciso que tenha múltiplas entradas e saídas, não haver começo nem fim, apenas o momento, “são múltiplas as entradas em uma cartografia. A realidade cartografada se apresenta como mapa móvel...” (PASSOS, KASTRUP, & ESCÓSSIA, 2010, p. 10) e tomando Foucault, como um “novo cartógrafo”, nomeado assim por Deleuze, em que nas suas obras ele buscou “dar conta dos diagramas de forças e saberes que constituíram e constituem historicamente as sociedades ocidentais. Diagramas entendido como mapas das relações de força, mapa de densidade, de intensidade...” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, VEIGA NETO, & SOUZA FILHO, 2011, p. 9) em que há relações múltiplas entres eles.

E assim, como um mapa que admite buscar-se, encontrar-se, nele também ocorrem diversas perdas por parte daqueles que está visitando-o, todavia para isso é preciso que a pessoa decida entrar nele e de acordo com Rolnik “todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas.” (ROLNIK, 1989, p. 2), ele pode nos capturar, nos agencia, pois nele há “linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação [...] É uma multiplicidade.” (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p. 18). Enfim, todo mapa é uma espécie de convite, em que você dentro deste pode ter diversos olhares, como um caleidoscópio, em que ao manipulá-lo obterá múltiplas imagens, sendo algo dinâmico, sem início, nem fim, apenas o meio, o momento e esse pode conduzi-lo a outros caminhos distintos daquele pelo qual você “iniciou” o movimento é algo rizomático.<sup>5</sup> Perde-se neles,

---

<sup>5</sup> No sentido de que “as multiplicidades são rizomáticas” (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p. 23) e rizoma é algo que “pode ser conectado a qualquer outro [rizoma] e deve sê-lo” (idem, p. 22). Tomemos o rizoma como a web (teia) virtual, na qual atualmente quase todas as pessoas estão conectadas, em que o início se dá no instante que você se conecta e o fim quando se desconecta, mas ela continua a existir independente de sua ação.

não no sentido de estar preso, pois tem diversos caminhos que conduz à saída, mas por deixa-se capturar por opção.

Fazendo um paralelo metafórico entre o movimento da WEB com a cartografia, temos que a ideia é mapear o que está em movimento, as diversas linhas de força dentre outras, os movimentos de territorialização, os assujeitamentos, as multiplicidades que se fazem presente, sendo visto apenas *naquele instante*, não esgotando o que se é perceptível, nem se chegando a um fim estático, pois o observável está em constante movimento. O cartógrafo deve deixar-se conduzir pelas vibrações que estão sendo emanadas. Assim como um surfista, que conhece os movimentos das ondas e as técnicas de como manejar uma prancha, quando está sobre a onda, deixa-se guiar por essa, acompanhando-a com o movimento de seu corpo buscando manter-se sobre ela (a prancha na onda) o máximo possível, tendo para isso que a sentir durante o processo para utilizar a manobra condizente, estando numa “perfeita” harmonia.

Como somos um corpo de subjetivações, em que cada marca que o atinge, fica lá, quando se está cartografando não está sozinho, pois entra você e suas marcas durante o processo. Sendo marcado ainda mais com as “novas” afetações que chegam a você. E algumas vezes chegam afetações que vão direto a uma de suas marcas dificultando sua visibilidade, porque aquela marca de repente impede de capturar aquilo direito.

Em busca de se cartografar, utilizam-se diversos recursos, que seriam como as manobras dos surfistas. São eles: Mapas Narrativos<sup>6</sup>, entrevistas, imagens iconográficas, fotografias, vídeos, dentre outros métodos, em que na sobreposição dos pontos observados ocorrerão conexões que auxiliarão no exercício da cartografia.

### **Cartografando...**

Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui. (FOUCAULT, 2010, p. 45)

Com isso temos que não se pode considerar o poder como algo que possa ser vendido, possuído, dado ou trocado, pois ele não é um “bem” como uma propriedade, existindo relações de forças que se colidem e se contrapõe, contando com estratégias, artifícios, procedimentos para a obtenção de esse poder, que está sempre em movimento.

---

<sup>6</sup> De acordo com Behnken: “dar aos entrevistados a oportunidade de representar através do desenho espontâneo o seu espaço pessoal” (2005, p.68). Ver BURRIDGE (2005)

Então somos um grau de potência, definido por nosso poder de afetar e de ser afetado, e não sabemos o quanto podemos afetar e ser afetados, é sempre uma questão de experimentação. (PELBART, 2008, p. 45)

Esse poder de afetação se faz presente na vida dos dois sujeitos dessa pesquisa, de cunho cartográfico, a qual nós tentamos perceber os movimentos e linhas de forças que estes se encontram submetidos, ou inseridos.

Esses dois professores, que mesmo atuando na educação com um público diferenciado, um na Educação infantil de uma rede particular e o outro no Ensino Fundamental de uma rede pública federal e tendo chegado à sala de aula por caminhos distintos, possuem alguns entrelaces (linhas de forças) semelhantes.

### **Os personagens...<sup>7</sup>**

#### **- Angelina**

Professora do Ensino Infantil de uma escola particular situada em um bairro de classe Média. Formada em Pedagogia e especialista em Psicopedagogia, leciona atualmente numa sala denominada “Infantil 1”, tendo ao todo 20 alunos, com idades que variam de 3 a 4 anos. Em 2011 foi professora auxiliar desta mesma turma, sendo em 2012 promovida à professora. Considerando isso uma grande vitória sua.

Trabalhou muito tempo como doméstica e babá. Voltou a estudar, compondo um projeto do Governo do Estado de Pernambuco, fazendo o Ensino Médio em menos de dois anos. Anos depois decidiu fazer o curso de Pedagogia, tendo o apoio de alguns com quem convivia, assim como uma especialização em Psicopedagogia, entretanto disse que pretende futuramente fazer outras especializações.

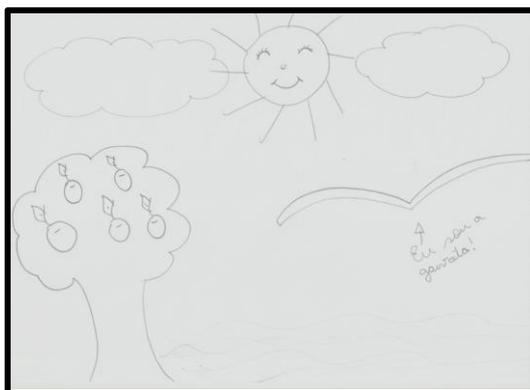
#### **Trechos da entrevista com Angelina**

Durante a entrevista Angelina passa a ideia de ser uma coadjuvante no palco da vida, sendo aquela que busca o bem estar dos outros em vez de suas necessidades, deixando de protagonizar algumas vezes. Foucault escreve que “sujeitos individuais ou coletivos têm diante de si um campo de possibilidades de diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento que podem acontecer” (1995, p. 12) e por isso que ele ressalva a ideia do cuidado de si, importante para que não permita que as linhas de forças ajam em você, para não ser afetado por elas.

Pedimos que Angelina fizesse um desenho que a representasse.

---

<sup>7</sup> O nome da entrevista foi alterado.



**Figura 1: desenho que representa Angelina**

Em relação ao desenho, Angelina se utilizou de um desenho infantil para representar-se, neste aparece um sol feliz, nuvens, árvores com frutos e uma gaivota. O interessante é que a gaivota com a indicação “Eu sou a gaivota!” (uma exclamação, podendo ser isso um grito, uma afirmação) é o maior elemento deste, todavia está localizado à direita do papel, tendo uma de suas asas no seu limite. Ela, a gaivota, mesmo tendo sua importância não está no centro do desenho, mas numa das extremidades, diferente do sol que se encontra centralizado na parte superior deste e está feliz.

Segue o breve diálogo a respeito do desenho.

- A:** *O mundo (mostra o desenho) e eu sou essa gaivota. Porque é como se isso aqui representasse a liberdade. E hoje eu me sinto livre, pra acho que... Como professora eu me sinto livre, uma pessoa... Sei lá, assim... Que eu posso não mostrar, mas assim... Libertar outros da escravidão da ignorância. (risos)*
- S:** E por que esse sol está feliz?
- A:** *Porque eu sou uma pessoa feliz hoje.*
- S:** Você é o sol ou você é...?
- A:** *Eu sou a gaivota... Deixa-me terminar minha gaivota. (finaliza o desenho da gaivota)*

Esse foi o caminho que Angelina escolheu para desterritorializar-se. “Eu creio na liberdade dos indivíduos. A uma mesma situação, as pessoas reagem de maneiras diferentes.” (FOUCAULT, 1994, p. 5)

Cada um reage (ou age) de forma distinta diante das linhas de forças a que estão submetidos, cabendo a ele identificá-las (para desviar-se: linha de fuga) ou apenas deixar-se transpassar por elas, “para se conduzir bem, para praticar adequadamente a liberdade, era necessário se ocupar de si mesmo, cuidar de si, ao mesmo tempo para se conhecer [...] e para

se formar, superar-se a si mesmo, para dominar em si os apetites que poderiam arrebatá-lo.” (FOUCAULT, 2004, p. 13)

Quando foi perguntada a respeito de algum professor que a marcou de forma negativa, ela citou o professor de Matemática da sétima série, em que reprovou por conta dessa disciplina.

- |   |
|---|
| <p><b>A:</b> <i>Mas, olhe, foi o pior que eu tive, mas eu acho que foi o... Ele me deixou marcas boas e marcas ruins, ao mesmo tempo.</i></p> <p><b>S:</b> Pode especificar? As boas, principalmente.</p> <p><b>A:</b> <i>As ruins, lógico, ele me reprovou e eu nem sabia que estava reprovada e ele avisou à minha mãe na rua.</i></p> <p><b>S:</b> A única coisa ruim foi isso, então. Ele como professor...</p> <p><b>A:</b> <i>Não. Ele era muito grosso... Muito grosso. Estúpido mesmo. Ele não tinha um pingo de sensibilidade em relação ao aluno. O olhar dele era “eu sou demais e vocês não são nada, ponto.”</i></p> <p><b>S:</b> Então, o que é que tem de bom?</p> <p><b>A:</b> <i>De bom, é que... Eu acho que eu aprendi com ele a tentar vencer os desafios, porque ele desafiava muito a gente. E eu lembro que quando fui reprovada, ele virou pra mim e disse: “Você vai repetir, mas você não vai passar... Eu quero ver se você vai passar, porque você não sabe de nada!” Então, ali, naquele momento, ele me desafiou e eu mostrei pra ele que... Eu era capaz sim. E foi daí que eu comecei a perceber que algumas coisas, que eu sou capaz de fazer isso sim!... De vez em quando dá uma coisa assim: “Não, não sou capaz.” Mas, quando eu me lembro disso... Eu não consegui?</i></p> |
|---|

Ela identifica as marcas boas e ruins que ficaram em relação a este professor. Sendo a ruim resumida a ele ser “*Muito grosso. Estúpido mesmo*”, menosprezando-a e a marca que ela destacou como sendo boa foi a de se sentir desafiada quando esse a humilhou: “*Você vai repetir, mas você não vai passar... Eu quero ver se você vai passar, porque você não sabe de nada!*”. Angelina em vez de se deixar subjetivar pelas afirmações negativas dele, quanto à sua capacidade, decidiu desviar dessa linha de força, combatendo-a. E essa marca acompanha-a até hoje. “*De vez em quando dá uma coisa assim: ‘Não, não sou capaz.’ Mas, quando eu me lembro disso... Eu não consegui*”? Pois, “enquanto estamos vivos, continuam se fazendo marcas em nosso corpo.” (ROLNIK, 1993, p. 2)<sup>8</sup> e as novas marcas interagem com as antigas, construindo o que somos hoje.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>>  
Consultado dia: 19/03/2013

À medida que fui mergulhando na memória para buscar os fatos e reconstituir sua cronologia, me vi adentrando numa outra espécie de memória, uma memória do invisível feita não de fatos, mas de algo que acabei chamando de "marcas". (ROLNIK, 1993, p.1)

O que ocorre com o passar dos anos é que as marcas (e os fatos que as acompanha) ficam vivas em nossas memórias, mesmo que tenhamos visualizado-as, estando estas apenas em nossa memória. E são essas marcas boas ou ruins que nos constitui.

#### **- Bernardo**

Professor do Ensino Fundamental e Médio de uma escola pública federal, a qual ensina Desenho Geométrico. Formado no curso de Licenciatura em Desenho e Plástica na UFPE, onde também fez mestrado em Educação Matemática e Tecnologia.

Pertence a uma família de classe média, que contribui com seus estudos até o Ensino Médio, tendo que a partir deste trabalhar para continuar seus estudos, passou quase dois anos como professor substituto da UFPE, lecionando Geometria Gráfica em cursos diversos. Mesmo sem o incentivo dos familiares continuou sua trajetória na educação, em que pretende aprimorar mais seus estudos fazendo doutorado.

#### **Trechos da entrevista com Bernardo**

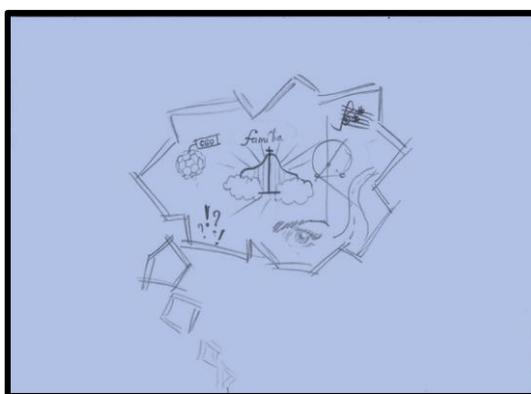
Durante a entrevista de Bernardo que se manteve atento às perguntas, demonstrando segurança e confiança, observamos que de acordo com os conceitos de territorialização e desterritorialização de Deleuze & Guatarri, esse professor se desterritorializou-se, ou seja, criou uma saída do território em que se encontrava e como esse processo ele “criou” um novo território, o do homem que luta para ter um diploma de graduação, que lhe foi negado apoio. Isso porque lhe foi negado apoio financeiro para cursar o Ensino Superior, pois seus irmãos mais velhos estudavam em faculdades particulares, tendo ele que trabalhar para conseguir fazer sua inscrição no antigo vestibular.

E com isso, Bernardo criou uma linha de fuga, e “a linha de fuga é uma *desterritorialização* [...] Fugir não é renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário.” (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 30). A ação dele de fugir é algo real. “É sempre sobre uma linha de fuga que se cria, não, é claro, porque se imagina ou se sonha, mas, ao contrário, porque se traça algo real, e compõe-se um plano de consistência.” (*idem*, p. 110). Essa ruptura deve ser vigiada, pois “uma verdadeira ruptura pode se estender no tempo [...] ela deve ser continuamente protegida não apenas contra suas falsas aparências, mas também contra si mesma, e contra as reterritorializações que a

espreitam.” (*idem*, p. 32), isto para impedir que retorne ao território antes “habitado”, se reterritorialize.

Com isso ele passou a lutar pelos seus ideais, sem o apoio familiar. Com vitórias secretas, as quais as pessoas com as quais mora apenas ouvia sem dar o devido valor que ele almejava.

Pedimos que Bernardo fizesse um desenho que o representasse e diferente de Angelina que passou um bom tempo pensando, ele passou exatos 7 minutos e 7 segundos entre pensar e finalizar o desenho. Percebemos havia na sala dele um painel contendo uma lista com as metas a serem alcançadas até o final do ano.



**Figura 2: desenho que representa Bernardo**

Em relação ao desenho Bernardo explicou que o balão de pensamento não possui a sua forma tradicional, ou seja, são linhas retas em vez de curvas, porque segundo ele “quis transformar uma coisa que faz parte do cotidiano em algo geométrico, porque geometria está muito ligada comigo.” E isto se torna evidente no desenho, não apenas em seu contorno como símbolo do poliedro e do Arco capaz. Por ser músico fez a clave de fá. As “interrogações e exclamações porque são dúvidas que ainda tenho e outras são certezas que já tenho” afirmou Bernardo.

O que nos chama a atenção também é o desenho do olho que ele não soube explicar. Remetendo-nos a ideia de ele ser observado, assim como a palavra “família” e a representação da porta do céu localizada no centro do desenho. Isso nos remete ao sistema de vigilância estudado por Foucault (Vigiar e punir) o Panóptico, que apresenta a ideia de onipresença e onisciência de algo que o observa independente de onde esteja. “Induz [...] um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos [...] uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce”

(FOUCAULT, 2011, p. 191). Estando com isso a família e a religião, incumbidos da tarefa de medir, controlar e corrigir, funcionando como um dispositivo disciplinar, “para marcá-lo como para modificá-lo” (idem, p. 190).

Em relação à época de Ensino Básico, segue um trecho da entrevista.

- |           |   |
|-----------|---|
| <b>S:</b> | E assim, em relação ao passado... Tem alguma aula que você... Que lhe marcou de algum professor? Ou algum professor especificamente?  |
| <b>B:</b> | <i>Eu nunca esqueço o nome e a cara desse meu professor de matemática da quarta série... Ele era bem bronco, tinha uma letra horrível, ele... Ele falava errado, ele... Às vezes, a gente... Ele... Ele tinha vergonha de escrever no quadro, porque tinha vergonha de escrever errado e a gente o corrigia (ênfase), entendeu? A gente da quarta série! (acha absurdo, depois rir) Mas, a gente gostava dele.</i>  |
| <b>S:</b> | Pra você, então, seu pior professor foi o da quarta série?  |
| <b>B:</b> | <i>Não. (interrompe) Que eu me lembre, foi o do terceiro ano. Era o professor de aritmética. Não pelo conhecimento dele, mas pela didática dele. Ele era muito monótono. Ele já era um senhor. Ele, assim, era um professor que não tinha autoridade. O bichinho, ele ainda era muito pequenininho (riso)... Ai... E assim, era muito monótona a aula dele. [...] Mas, hoje revendo, lembrando como eram as aulas dele, às vezes era como se, tipo, ele foi colocado para dar aquele conteúdo, mas não necessariamente era o que ele gostava e ele não tinha tanto domínio.</i> |

Quando é questionado a respeito de sua postura em sala de aula, Bernardo afirma convicto “Faço questão de mostra pra meus alunos o quanto eu sou apaixonado por aquilo que eu faço”, além disso, ele diz se esforçar para que a aula não fique monótona, agitando-os com desafios, conversas, brincadeiras, enfim buscando evitar reproduzir em sala de aula os professores que em sua vida de estudante considerava-os como um contraexemplo. Assim, como procura escrever o menos possível na lousa, para evitar erros de português.

### **Considerações Finais**

Quisemos apresentar neste artigo o poder exercido pelo professor em sala de aula, poder esse que vai além do saber específico por ele explanado. Assim como os afetos que deixam marcas, e passam a compor o sujeito, lembrando que esse movimento de subjetivação está sendo construído a cada momento em que está ocorrendo as interações, não apenas em sala de aula, por isso achamos importante apresentar de forma concisa o perfil desses dois professores por nós cartografados.

O que se observou é que esses dois alunos de outrora, que resistiam mais ao poder em sala de aula do que o exerciam, hoje são professores que trazem consigo não apenas memórias, mas posturas de como idealizam que o professor deve ter em sala de aula.

E de alguma forma as experiências que tiveram especificamente com seus respectivos professores de Matemática foi um fator determinante para as atitudes assumidas por eles. Conversar a respeito disso acrescentariam mais algumas páginas a esse artigo. Optamos por continuar esse nosso percurso discursivo em outro momento.

### Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M., VEIGA NETO, A., & SOUZA FILHO, A. (2011). *Cartografias de Foucault* (2ª ed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- DELEUZE, G. (2005). *Foucault*. (C. S. Martins, Trad.) São Paulo: Brasiliense.
- DELEUZE, G., & GUATTARI, F. (2012). *O anti-Édipo - Capitalismo e esquizofrenia*. (Vol. 1). São Paulo: 34.
- DELEUZE, G., & GUATTARI, F. (2011). *Mil Platês: Capitalismo e esquizofrenia 2* (2ª ed.). São Paulo: 34.
- DELEUZE, G., & PARNET, C. (1998). *Diálogos*. (E. A. Ribeiro, Trad.) São Paulo: Escuta.
- FARINA, C. (2008). Arte e formação: Uma cartografia da experiência estética atual.
- FOUCAULT, M. (2004). *Ditos e escritos: ética, sexualidade, política* (Vol. 5). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, M. (1988). *História da sexualidade: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- FOUCAULT, M. (2010). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- FOUCAULT, M. (1995). O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. & RABINOW, P. *Michel Foucault: Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, M. (1994). Verdade, poder e si .
- FOUCAULT, M. (2011). *Vigiar e Punir: História da violência nas prisões* (39 ed.). (R. Ramalhe, Trad.) Petrópolis: Vozes.
- PARANHOS, A. (2008). Política e cotidiano: As mil e uma face do poder. In: MARCELLINO, N. *Introdução às ciências sociais*. Campinas: Papyrus.
- PASSOS, A. A. (2007). Cartografia e diagramas em vigiar e punir.
- PASSOS, E., KASTRUP, V., & ESCÓSSIA, L. d. (2010). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.
- PELBART, P. P. (2008). Elementos para uma cartografia da grupalidade. In: SAADI, F. & GARCIA S. *Próximo ato: Questões da teatralidade contemporânea*. São Paulo: Itáu Cultural.
- ROLNIK, S. (1989). Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil.
- ROLNIK, S. (23/06/93 de set./fev. de 1993). Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividades, 1*, pp. 241-251.